

PAIS LEME

ORÇÃO DO CRÊMIO EUCLIDES DA CUNHA DOS ALUNOS DO COLÉGIO PAIS LEME

ANO XIX (Nova Fase) | SÃO PAULO — SETEMBRO-OUTUBRO-NOVEMBRO DE 1957 | NÚMERO 11

Introdução à Cultura Cinematográfica



GUSTAVO DAHL.
3.º clássico

Considerado por muitos, como o maior fenômeno sociológico e artístico do século vinte, o cinema oferece vastíssimo campo de estudos; mesmo assim, apesar de ser a manifestação artística que melhor corresponde às necessidades do homem moderno, era tido como "un art mineur". Passo a passo, porém, o cinema conquistou seu lugar entre as grandes manifestações do homem, e de ano para ano aumenta o número daqueles que vêm no cinema, fonte de emoção estética tão grande e tão válida quanto à literatura, à pintura, à dança, etc. mas, para termos a exata medida de seu poder de comunicação, é necessário que nos aprofundemos um pouco mais, e que encaremos o filme como obra de arte legítima e não como simples fonte de divertimento. A grande verdade é que, noventa por cento dos espectadores cinematográficos vêm apenas pelo sentido exterior do tema, deixando-se levar pelas róscas mentiras das revistas de mexericos, no tocante aos outros aspectos da realização fílmica.

Instrumento de profunda penetração popular, o filme exerce as mais variadas influências na vida cotidiana, e é devido a esta constatação que os grandes condutores de povos valorizam o cinema, usando-o como meio de propagação de ideologias políticas. É de nossos dias o fenômeno que se convencionou chamar "juventude transviada". Ainda que a insatisfação, aquela "não saber fazer o que consigo mesmo" e a luta da juventude contra as convenções sociais, sejam da juventude de todos os tempos, seríamos cegos, se quiséssemos negar ao cinema o papel de desencadeador deste movimento. As influências do cinema como meio de educação e de divulgação científica e artística, são por demais conhecidas e não será necessário registrá-las aqui.

Diante disto, percebemos a necessidade de serem estudados os meios expressivos do cinema, a sua linguagem, o seu vocabulário, a sua gramática, a sua sintaxe. Assim, se um plano de conjunto, um plano em que a cena é mostrada de longe, tem função descritiva e serve para localizar a ação no tempo e no espaço, um "close-up", um plano que mostra apenas o rosto do personagem, dá-nos uma idéia de intimidade, de penetração dramática e psicológica. A iluminação, sendo cinzenta e indefinida nos deixa indiferentes, sendo nítida, pontilhada, plena de claros escuros, criará um clima, uma atmosfera propícia ao desenvolvimento da ação. Enfim, é um conjunto de sutilezas, excepcional que, sem importância à primeira vista, tem excepcional valor como elemento criador. São sutilezas, que dão autenticidade, veracidade à obra de arte cinematográfica, da mesma forma como são os detalhes, as entrelinhas, que dão valor a um conto ou a um romance.

Mas, quem é que nos dará as leis da estética cinematográfica, quem fixará as normas do uso adequado nos diversos meios expressivos do cinema? É o próprio cinema, na sua evolução. Nos seus sessenta anos de existência, o cinema criou suas leis e continua criando-as, pois, essencialmente dinâmico, ele nunca se detém nunca mergulha num academicismo tradicionalista. Vemos, então, a importância da história do cinema, único meio de acompanharmos sua evolução. Então, estudando-se as diversas escolas, como o expressionismo alemão, surgido após a guerra 1914-18, fruto do estado de espírito do povo alemão, representando uma volta ao mundo interior ao sobrenatural, às lendas medievais, ou a "avant-garde", francesa com a sua preocupação do cinema puro e o seu sentido de pesquisa estética, ou ainda a escola russa, com as especulações em torno da montagem, com a dialetização da linguagem cinematográfica, poderemos estabelecer válidos para o julgamento de um filme.

Nós nunca tomamos uma posição, passiva ante uma obra de arte, pois a verdade é que todos somos críticos em potencial. Infelizmente, após vermos um filme, procedemos a um processo crítico, caracterizado pelo bifazismo da análise e da síntese, o isto fazemos, na medida permitida

pela nossa sensibilidade e nossos conhecimentos. E é para que cheguemos a conclusões que correspondam à verdade que devemos aplicar os conceitos estabelecidos pelo estudo da linguagem e da história da cinematografia. Devemos, primeiramente, estudar a posição do filme na história do cinema e verificar se ele representa um progresso ou um retrocesso na evolução do cinema, ou então, se apenas se mantém, dentro dos cânones já estabelecidos. Depois, devemos proceder à análise da forma do filme, verificando se a produção é cuidada, se ampara materialmente a direção, que deve ser funcional, evitando o gratuito das ações e dos recursos, e que deve dar uma valorização rítmica e plástica à história, criando atmosfera, ambientando a história; devemos ver se o roteiro (descrição da história em termos de imagem) explora bem o tema, valorizando suas situações efetivas e desenvolvendo-o sem saltos, de uma maneira orgânica; deveremos notar se a música é cinematográfica, apenas sublinhando a ação, não se adiantando a ela, para não diminuir o seu impacto, o seu contágio, ou verificaremos a qualidade da interpretação, na razão direta da naturalidade, da adequação das expressões faciais, etc. Apreciada esta parte formal, devemos analisar o tema, o conteúdo, a história. Observaremos se é humana, sincera, se trata dos problemas fundamentais do ser, tais como o amor, a morte, a aparente inutilidade da vida, a luta do indivíduo contra o meio social, da revolta ante as injustiças sociais, das lutas, dos fracassos, das vitórias, da vida enfim. Se assim for, e todos os elementos temáticos e formais se interpenetram, formando um todo único e indivisível, que nos emociona no que temos de mais profundo, que nos transporta a um êxtase, teremos uma obra de arte autêntica, legítima, digna de figurar ao lado de um quadro de Leonardo, de uma peça de Shakespeare, de um poema de Baudelaire ou de Rimbaud, das grandes concepções filosóficas, das teorias científicas, de tudo que de grande e de belo produziu o cérebro humano.

ACERVO CINEMATECA BRASILEIRA